

Corpos, identidades e amizades: práticas torcedoras de mulheres transgêneras no futebol de homens

Bodies, identities and friendships: fan practices of transgender women in men's football

Mariana Carolina Mandelli

Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil
Doutoranda em Antropologia Social, USP

RESUMO: Considerando o alto grau de binarismo e cis-heteronormatividade do futebol brasileiro, no qual a LGBTfobia e a misoginia configuram os padrões simbólicos e materiais das dinâmicas relacionais entre torcedores, torcedoras e torcedorxs, como as mulheres transgêneras podem torcer por seus times? Este artigo tem como objetivo discutir as práticas torcedoras de mulheres trans por meio dos depoimentos de três torcedoras que se autodefinem assim, explorando como as ideias de corpo, identidade e amizade criam e conformam suas formas de torcer.

PALAVRAS-CHAVE: Formas de torcer; Torcedoras; Futebol; Antropologia das Práticas Esportivas; Relações de gênero.

ABSTRACT: Considering the high degree of binarism and cis-heteronormativity in Brazilian football, in which LGBTphobia and misogyny configure the symbolic and material patterns of relational dynamics between male and female fans, what is the space for transgender women to support their teams? This article aims to discuss the support practices of trans women through the testimonies of three supporters who define themselves as such, exploring how the ideas of body, identity and friendship create and shape their ways of supporting.

KEYWORDS: Football fan practices; Female football fans; Football; Anthropology of Sport; Gender relations.

INTRODUÇÃO

O futebol brasileiro¹ é um ambiente social onde as normas culturais cisgêneras, heteronormativas e binárias ganham contornos ainda mais fortes. Sendo assim, é evidente que esse esporte é violento e hostil às mulheres,² o que se dá em aspectos que vão da prática em si ao ato de torcer, passando pela cobertura jornalística dos campeonatos e das equipes. Exemplos não faltam: os inúmeros casos de violência sexual e doméstica envolvendo jogadores;³ as denúncias de assédio dentro e fora dos estádios vitimando torcedoras; a evidente desvalorização do “futebol feminino”⁴ em detrimento do futebol masculino, e a insistente falta de representatividade profissional no jornalismo esportivo e nas funções de arbitragem, além dos insultos a que as mulheres que trabalham nesse meio são sistematicamente submetidas.

Ainda que nos últimos anos tenhamos observado evidentes avanços no que tange à visibilidade e às melhorias do futebol de mulheres, com transmissões na televisão aberta, e a contratação de jornalistas, narradoras e comentaristas em programas esportivos, bem como um debate mais amplo sobre a diversidade de torcedores, torcedoras e torcedorxs⁵ dos clubes brasileiros, é sabido que o caminho na busca por equidade no esporte mais popular do País ainda é bastante longo. Portanto, é preciso questionar: de quais mulheres estamos falando?

Tal discussão não pode se dar fora de uma perspectiva interseccional, inserindo questões de sexualidade, raça e classe junto à ideia de gênero. A categoria “mulheres” é atravessada por marcadores sociais da diferença que devem ser tensionados e problematizados se quisermos realizar um debate minimamente honesto sobre o tema. Se a exclusão e a opressão de mulheres se dão de forma estrutural na sociedade em que vivemos,

¹ É evidente que existem vários “futebóis”. Ao usar essa expressão, não pretendo essencializar esse esporte, mas evidenciar que me refiro ao futebol midiático que reúne os principais times e torneios do País.

² Também não tenho a intenção de essencializar a categoria “mulheres”, como ficará evidente no decorrer deste texto.

³ Dois casos de grande repercussão midiática que podem ser citados são o assassinato de Eliza Samudio em 2010, que contou com planejamento e participação do ex-goleiro Bruno Fernandes de Souza, e o estupro coletivo de uma jovem em 2013, na Itália, sendo um dos violentadores condenados o jogador Robson de Souza, mais conhecido como Robinho.

⁴ A própria expressão “futebol feminino” denota a predominância de homens nesse universo – no jargão popular, não se usa o termo “futebol masculino”.

⁵ Um exemplo em prol da diversidade é o trabalho do clube Vasco da Gama, do qual trato adiante.

refletindo-se de modo exemplar em uma modalidade esportiva alta e historicamente masculinizado como o futebol, como esse processo atravessa torcedoras pretas, por exemplo? E torcedoras LGBTQIAPN+:⁶ qual o espaço ocupado por elas nesse contexto?

Nesse sentido, minha pesquisa de doutorado em Antropologia Social tenta traçar a complexidade desse cenário, já que discutir a inclusão de torcedoras no universo futebolístico, regido pela cis-heteronormatividade, precisa levar em conta que a multiplicidade das mulheres que apreciam esse esporte é intangível e desafia normas binárias que parecem incontestes. Neste ensaio, pretendo abordar, ainda que sucintamente, uma temática mais específica de minha etnografia: as formas de torcer de mulheres transgêneras no futebol de homens. Com base em um arcabouço teórico e por meio de entrevistas realizadas com três mulheres trans,⁷ F.*, N.* e T.*,⁸ abordarei questões de identidade, amizade e masculinidades que atravessam a experiência delas ao se reconhecerem como torcedoras.

ANTROPOLOGIA DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS: GÊNERO E SEXUALIDADE EM DEBATE

A mulher como-ser-que-torce vem se configurando um perfil feminino cada vez mais comum, perfil que se manifesta por diferentes meios que vão desde as arquibancadas até os espaços virtuais da internet. Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados.⁹

As palavras da pesquisadora Leda da Costa evidenciam como a presença de torcedoras no futebol tem sido maior nas últimas décadas.¹⁰ No entanto, as barreiras impostas pelo machismo e pelo sexismo, que estereotipam mulheres, ainda são

⁶ Em linhas gerais, a sigla LGBTQIAPN+ inclui, nesta ordem: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/transgêneros/travestis, *queer*, intersexo, assexuais, pansexuais e não binários/as. O acréscimo de letras ao longo dos anos é um efeito da luta desses grupos por representatividade.

⁷ Utilizo trans como abreviação de transgênera/s.

⁸ As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2022, em plataforma digital, e duraram cerca de uma hora cada uma, com gravação apenas do áudio, conforme acordado previamente com as minhas interlocutoras. Como este artigo demonstra, existem diversos obstáculos para que mulheres trans frequentem estádios de futebol, o que dificulta a observação de campo. Portanto, a maneira mais confortável para elas falarem sobre suas experiências com esse esporte foi por meio de conversas virtuais. Além disso, dessa forma foi possível dialogar com torcedoras que não residem próximas a mim, como é o caso de F*. Mais adiante, explico porque optei por abreviar seus nomes.

⁹ COSTA. Marias-chuteiras X “Torcedoras Autênticas”: identidade feminina e futebol, p. 1.

¹⁰ Referência ao período posterior à revogação do Decreto-Lei 3.199 de 1941, que vetava a prática do futebol pelas mulheres brasileiras.

inúmeras, pois “[...] é comum pressupor que futebol é um tema sobre o qual as mulheres não possuem autoridade para conversar”.¹¹ Como a própria pesquisadora narra em outro artigo, a disputa por legitimação nesse ambiente esbarra em perfis idealizados de “maria chuteira” e “torcedoras autênticas”:¹² “Um aglomerado de torcedores produz aquilo que chamamos de torcida, substantivo feminino que designa um espaço que, durante muito tempo, foi compreendido como próprio para manifestações de masculinidades”.¹³

É sabido que, durante décadas, a imprensa esportiva sexualizou mulheres, atletas e/ou torcedoras, o que tem um grande impacto cultural ao criar e endossar preconceitos e sociabilidades tóxicas¹⁴ no futebol, estabelecendo a prática do esporte para “machos”, onde mulheres teriam funções coadjuvantes e estéticas/ilustrativas. É comum, por exemplo, ao acompanharmos uma transmissão de jogo pela televisão, observarmos como as câmeras buscam mulheres brancas e magras nas arquibancadas, objetificando torcedoras e reforçando a ideia de “musa da torcida”, algo ainda presente não somente no imaginário de homens torcedores, mas também em concursos patrocinados pelos próprios clubes.

Não é exagero afirmar que a chance de encontrarmos uma mulher que fuja aos padrões da cis-heteronormatividade, como mulheres transgêneras, nessas imagens é praticamente nula. Tal invisibilidade social marca inclusive a bibliografia da Antropologia das Práticas Esportivas, onde o debate sobre gênero e sexualidade era quase inexistente até poucos anos atrás. Tal área demorou para incorporar a interseccionalidade nas discussões teóricas e etnográficas sobre os esportes.

Sabe-se que durante a segunda metade do século XX, “as feministas acadêmicas e ativistas implementaram o projeto de repensar o gênero, o que teve um impacto revolucionário sobre as noções do que é natural”,¹⁵ realizando uma “crítica

¹¹ COSTA. Marias-chuteiras X “Torcedoras Autênticas”, p. 2.

¹² COSTA. Marias-chuteiras X “Torcedoras Autênticas”, p. 2.

¹³ COSTA. Marias-chuteiras X “Torcedoras Autênticas”, p. 10.

¹⁴ Emprego o adjetivo “tóxico”, bastante utilizado pelo senso comum, no sentido de demonstrar o quanto o ambiente do futebol masculino pode ser opressivo e ameaçador, emocional e fisicamente, para mulheres de forma geral.

¹⁵ VANCE. A antropologia redescobre a sexualidade: comentário crítico, p. 10.

geral do determinismo biológico, em particular do conhecimento baseado na biologia das diferenças sexuais”.¹⁶ Subsequentemente, emergiram trabalhos que tensionaram a ideia de gênero, tais quais Gayle Rubin (1975), cuja formulação mostrou que “a sexualidade e o gênero eram fenômenos analiticamente distintos que requeriam estruturas explicativas próprias, mesmo que fossem inter-relacionados em circunstâncias históricas específicas”.¹⁷ Entre tantas contribuições posteriores, vale lembrar de Joan Scott (1995), Donna Haraway (2004) e Judith Butler (2008), esta considerada expoente da teoria *queer* (que desestabilizou a oposição entre natureza e cultura definitivamente), cujas ideias ainda fomentam esse campo teórico em construção.¹⁸

No caso da sexualidade, como Carole Vance (1995) nos lembra, por mais que a Antropologia seja reconhecida por ser aberta à investigação desse tema, a relação desse campo do conhecimento com essa temática, de forma geral, é “complexa e contraditória”.¹⁹ Para ela, historicamente, pesquisadores e pesquisadoras foram pouco corajosos e adequados ao investigarem a sexualidade,²⁰ “área simbólica e política ativamente disputada”.²¹

Michel Foucault (1980) trouxe consideráveis subsídios para as teorias sociológicas acerca da sexualidade, a qual definia como um dispositivo. Ao investigar os discursos sobre o sexo, ele mostrou que a sexualidade também não poderia ser considerada uma força natural e tampouco seria totalmente manipulada pelo Estado, por mais que este seja um ator regulador da vida sexual e afetiva dos indivíduos. Para Foucault, o poder está onde há desejo, uma vez que proibições criam estímulos e formas de subversão e de resistência.²²

Mais recentemente, é sabido que “a sexualidade conquistou alguma autonomia como campo de inquérito devido à definição do sexual como facto social atravessado por tensões e conflitos identitários”,²³ visto que esse tema ganhou centralidade no

¹⁶ VANCE. A antropologia redescobre a sexualidade, p. 10.

¹⁷ VANCE. A antropologia redescobre a sexualidade, p. 11.

¹⁸ Por questões de espaço, faço aqui apenas um brevíssimo panorama, com o objetivo de mostrar como essas ideias, aos poucos, estão sendo absorvidas e discutidas nas pesquisas sobre esportes. Mais adiante, alguns argumentos de tais autores e autoras, como Butler, serão utilizados de forma um pouco mais aprofundada.

¹⁹ VANCE. A antropologia redescobre a sexualidade, p. 7.

²⁰ VANCE. A antropologia redescobre a sexualidade, p. 8.

²¹ VANCE. A antropologia redescobre a sexualidade, p. 15.

²² FOUCAULT. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*, p. 141.

²³ ALMEIDA. Antropologia e sexualidade: consensos e conflitos teóricos em perspectiva histórica, p. 2.

mundo social, reconhecendo-se que existem “fenômenos que dependem ou coexistem com a sexualidade, mais ou menos intrinsecamente”.²⁴ Segundo o antropólogo Miguel Vale de Almeida: “O gênero (e a sexualidade) é uma área de estudos e do real que introduz significativa novidade epistemológica. Ao contrário da classe ou das instituições sociais como a família, o gênero cruza-as, por assim dizer, transversalmente”.²⁵

No Brasil, “as experiências de vida de travestis e mulheres transexuais na sociedade brasileira passaram a ser temas de pesquisas acadêmicas com mais frequência a partir da década de 1990”,²⁶ ganhando visibilidade e centralidade “graças ao aumento substancial dos estudos que tematizam gênero e sexualidade”.²⁷ Alguns autores, por sua vez, apontam um “desencontro” entre os estudos sobre sexualidade e gênero. Segundo João Góis (2003), apesar de a epidemia de AIDS ter impulsionado “a expansão dos estudos sobre a homossexualidade no Brasil durante os anos de 1990”,²⁸ tal área de estudos já teria tido início antes. Contudo, em meio a esse processo, ele identifica uma escassez “de trabalhos sobre gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros em dois dos principais periódicos feministas e de gênero brasileiros”²⁹ e “a (quase) ausência do debate sobre gênero” no campo da sexualidade.³⁰

No caso específico da Antropologia das Práticas Esportivas, dentro dos estudos sobre torcidas, é possível dizer que a história do torcer no Brasil é a história das práticas torcedoras de homens cisgêneros e heterossexuais, já que as obras que se dedicaram ao tema focaram especialmente nos grupos organizados, explorando a temática da violência entre torcedores, sem refletir sobre a sua relação com a ideia de masculinidades. Diversas pesquisas debruçaram-se sobre esse fenômeno, tais quais as de Toledo (1996, 2002, 2010, 2013), Pimenta (1997) e Murad (2007, 2012).

Nos últimos anos, porém, emergiu uma safra de pesquisas acadêmicas que observam a relação de marcadores sociais da diferença com o esporte, especialmente no futebol, com investigações acerca da sexualidade,³¹ do gênero,³² das masculinidades³³ e das questões raciais.³⁴ No caso de estudos sobre torcedoras, é

²⁴ DUARTE. A sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções, p. 59.

²⁵ ALMEIDA. Antropologia e sexualidade, p. 12.

²⁶ YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES. Manifestações textuais (insubmissas) travesti, p. 5.

²⁷ YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES. Manifestações textuais (insubmissas) travesti, p. 5.

²⁸ GÓIS. Desencontros, p. 289.

²⁹ GÓIS. Desencontros, p. 291.

³⁰ GÓIS. Desencontros, p. 290.

³¹ ANJOS, 2018. PINTO, 2017.

³² ALMEIDA, 2018; BONFIM, 2019; CAMPOS, 2010, 2016; MORAES, 2019; PISANI, 2018.

³³ BANDEIRA, 2009, 2017. SPAGGIARI, 2015.

³⁴ ABRAHÃO, 2010. TONINI, 2011.

possível citar Priscila Campos (2010), que etnografou as torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube, mostrando que estas adotam práticas masculinas de torcer, e o trabalho de Carolina Moraes (2018), que investigou a presença de mulheres nas maiores torcidas organizadas baianas.

Tal arsenal acadêmico dá visibilidade para sujeitos, práticas e subjetividades outrora apagados. Nesse sentido, a importante pesquisa de mestrado supracitada de Maurício Pinto é reveladora de como a homofobia opera como norma entre torcidas de futebol. Ao investigar coletivos de torcedores, torcedoras e torcedorxs LGBTQI-APN+ de times como Clube Atlético Mineiro, São Paulo Futebol Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras e Sport Club Corinthians Paulista, ele mostra como masculinidades circulantes exacerbadas impulsionam práticas homofóbicas e machistas nesse meio, sendo sistematicamente reiteradas “com o propósito também de demarcar seres abjetos por não se adequarem a essa norma”.³⁵

Dessa forma, a LGBTfobia e a misoginia funcionam como imperativos morais, simbólicos e materiais entre torcidas, compondo as formas de torcer desses grupos, organizados ou não, e dos indivíduos que participam desse ambiente. Tais práticas torcedoras, conceito que pode ser definido como “[...] corporalidades, gestualidades, linguagens e categorias de acusação, estigmatizações e estereótipos, performances, mas também imagens, circunstâncias, objetos, coisas [...]”,³⁶ ficam evidentes em “apelidos”, xingamentos e cânticos de torcidas organizadas para seus rivais.³⁷

“Bambi”, “bicha”, “Maria” e “time de veado”, entre tantos outros termos preconceituosos, compõem as dinâmicas torcedoras, independentemente da origem do clube ou da trajetória da instituição. Ademais, algumas dessas agremiações vetam o uso de brincos, piercings e camisas rosas entre seus membros. Em suma: atribuir aspectos reconhecidos como femininos aos rivais é um modo de imputar ao oponente a ideia de fraqueza e inferioridade, estabelecendo, supostamente por meio do antagonismo esportivo, o binarismo de gênero-sexualidade. Da mesma forma, evitar

³⁵ PINTO. Pelo direito de torcer, p. 8.

³⁶ TOLEDO. Quase lá, p. 153.

³⁷ Apesar de serem cânticos de torcidas organizadas, vale lembrar que são adotados por torcedores e torcedoras que não fazem parte dessas agremiações. O mesmo vale para os apelidos e jargões ofensivos.

tais condutas relativas às feminilidades dentro das próprias torcidas, é uma forma de fortalecer um ideal de masculinidade(s).

MULHERES TRANSGÊNERAS TÊM O DIREITO DE TORCER?

Tendo em vista o cenário descrito, é possível considerar que mulheres transgêneras são vistas como corpos abjetos e indesejáveis no futebol de homens, pois não correspondem à matriz simbólica e material de masculinidades opressoras emulada nesse esporte. Se aos olhos de atores institucionais e políticas públicas elas já são invisibilizadas, apesar dos avanços dos últimos anos,³⁸ em um ambiente de alto teor homofóbico e misógino tal qual o futebol brasileiro, a exclusão é ainda mais aguda. Quais espaços, práticas e sociabilidades essas mulheres criam e mobilizam para torcer? Investigar como elas se relacionam com seus times e suas respectivas torcidas é um desafio uma vez que, conforme anteriormente descrito, encontrar mulheres trans nas arquibancadas dos estádios é algo raríssimo.

Antes de trazer os relatos dessas mulheres, é necessário realizar algumas ponderações teóricas. Assim como Almeida³⁹ opta por usar o termo “homem trans” em texto que trata do tema, com o objetivo de condensar “a experiência”⁴⁰ desses corpos, lembrando da impossibilidade de conceituar a transexualidade “de forma universal, unívoca e a partir de uma classificação estritamente médico-psiquiátrica”,⁴¹ emprego neste ensaio a expressão “mulher trans” para trazer os relatos de F.*, N.* e T.*, respectivamente uma vascaína, uma flamenguista e uma palmeirense, sobre suas formas de torcerem e de se relacionarem com seus times e com o futebol de modo geral. Portanto, adoto os pronomes “ela” e dela” para me referir às minhas interlocutoras.

A categoria “mulher trans” é uma categoria em disputa e em construção. Durante minhas conversas com T.*, F.* e N.*, todas elas assim se identificaram em algum momento da entrevista. T.* foi a única que afirmou ser “uma mulher trans, uma

³⁸ Refiro-me às cirurgias de redesignação sexual e ao nome social, entre outros dispositivos.

³⁹ ALMEIDA. “Homens trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades, p. 513.

⁴⁰ ALMEIDA. “Homens trans”, p. 513.

⁴¹ ALMEIDA. “Homens trans”, p. 517.

travesti”.⁴² As fronteiras discursivas, simbólicas e materiais entre essas duas identidades são alvo de intenso e contínuo debate que não cabe neste texto. Todavia, é possível citar o pesquisador Mário Carvalho (2018), que mostra como esses termos são carregados de significações distintas e ambíguas:

Nesse processo de diferenciação, devemos ter em mente que a emergência da categoria “transexual” é mais recente, e que, para se afirmar, teve que se diferenciar de uma categoria “travesti” pré-existente. Porém, a própria categoria “travesti” não surgiu em um discurso que a diferenciava politicamente da categoria “homossexual”. Pelo contrário, a identidade política “homossexual”, e posteriormente “gay”, é que se diferenciou da categoria “travesti”. Tudo se passa como se o outro abjeto que detêm os elementos mais poluidores de uma “identidade deteriorada” fossem jogados num mesmo lugar: o/a travesti.⁴³

Por mais que a categoria “travesti” hoje seja entendida também como um posicionamento político, dentro de um contexto atravessado por masculinidades compulsórias tal qual o futebol, pode-se dizer que esses corpos estão associados a estereótipos de desviante moral e repulsão. Portanto, como mostram as entrevistas subsequentemente apresentadas, travestis – e também – mulheres trans têm medo de frequentar estádios em jogos de equipes masculinas, pois sabem que seus corpos serão lidos dessas formas e que podem, infelizmente, ser agredidos e violentados.

CORPOS E SUBJETIVIDADES TRANS NO TORCER

É sabido que “a cisgeneridade-binária, heterossexual e compulsória como regime de governamentalidade”⁴⁴ que rege sociedades como a nossa repele corpos considerados “anormais”.⁴⁵ De acordo com Paul Preciado, a heterossexualidade pode ser definida como “uma tecnologia biopolítica, destinada a produzir corpos *straight*”,⁴⁶ corpos estes que são resultado “de uma divisão do trabalho da carne, segundo a qual

⁴² Informação verbal.

⁴³ CARVALHO. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas, p. 21.

⁴⁴ FOUCAULT apud YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES. Manifestações textuais (insubmissas) travesti, p. 1.

⁴⁵ PRECIADO. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”, 2011.

⁴⁶ PRECIADO. Multidões *queer*, p. 12.

cada órgão é definido por sua função”.⁴⁷ Ou seja, trata-se de corpos subjugados es-
tritamente às normas biológicas, em que os órgãos sexuais e reprodutores pré-de-
terminam identidades de gênero.

Portanto, corpos que desafiam os binarismos entre masculinidade e feminili-
dade e entre “homem” e “mulher” conseqüentemente desafiam a cultura heterosse-
xual dominante, pois desessencializam modelos considerados “naturais” e univer-
sais. Como afirma Preciado:

Os corpos da multidão *queer* são também as reapropriações e os desvios dos discursos da medicina anatômica e da pornografia, entre outros, que construíram o corpo *straight* e o corpo desviante moderno. A multidão *queer* não tem relação com um “terceiro sexo” ou com um “além dos gêneros”. Ela se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexopolíticas específicas de produção dos corpos “normais” e “desviantes”.⁴⁸

De acordo com Guilherme Almeida, as trajetórias dos corpos “que transcen-
dem os limites do binarismo fundado no processo de designação sexual pela aparência
dos órgãos genitais que acompanha (e, algumas vezes, precede) o nascimento”⁴⁹ estão
susceptíveis a diversas violações. Mesmo que esses corpos transgenerificados reforcem
o “enquadramento binário de forma compulsória” entre aspectos lidos como femini-
nos e masculinos,⁵⁰ ainda assim desafiam todo um conjunto de normas que balizam e
organizam o todo social. Como explica Butler (2018):

Se aceitarmos que existem normas sexuais e de gênero que condicionam quem vai ser reconhecível e “legível” e quem não vai, podemos começar a ver como os “ilegíveis” podem se constituir como um grupo, desenvolvendo formas de se tornar legíveis uns para os outros, como eles são expostos a diferentes formas de viver a violência de gênero e como essa exposição comum pode se tornar a base para a resistência.⁵¹

O temor por exibir um corpo desviante das normas sociais atravessa as tor-
cedoras T.* e N.*, uma palmeirense e uma flamenguista, respectivamente. Ambas
afirmam que, após seus processos de, respectivamente, “transição” e “entendi-
mento” (termos escolhidos pelas próprias interlocutoras), se sentem mais distantes

⁴⁷ PRECIADO. Multidões *queer*, p. 12.

⁴⁸ PRECIADO. Multidões *queer*, p. 16

⁴⁹ ALMEIDA. “Homens trans”, p. 514.

⁵⁰ YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES. Manifestações textuais (insubmissas) travesti, p. 7.

⁵¹ BUTLER. *Corpos em aliança e a política das ruas*, p. 45.

de seus times. No caso de N.*, de 32 anos, somada à mudança de carreira profissional – jornalismo para a programação computacional – pela qual está passando, o que lhe consome tempo, há o temor por algum tipo de violência:

Eu me assumi em 2020, na pandemia, e foi muito complicado. Então eu estou meio que trabalhando a coragem de ir ao estádio. Porque tenho medo de ouvir coisas de que não estou a fim... todo dia você sai e ouve alguma merda, eu só quero ver um jogo. Ver um jogo e acabou. Não quero ouvir certos comentários transfóbicos em forma de ‘piadas’ [...] De forma geral é um ambiente nocivo. Um exemplo é o Corinthians⁵² com gritos homofóbicos nas arquibancadas. O futebol é reflexo da sociedade, ao mesmo tempo que sociedade empurra a gente para drogas e prostituição, são esses mesmos homens dessa sociedade que procuram a gente depois da meia-noite.⁵³

Mesmo assim, ela afirma que ainda não se vê totalmente desconectada do Flamengo, time para o qual torce desde criança por influência de seu pai:

O Flamengo é uma constante, não tem como mudar. Agora que me assumi não vou torcer para o Atlético Mineiro. Hoje acompanho menos porque estou em outra carreira profissionalmente. O Flamengo ocupa 20% da minha vida hoje, se eu fosse pensar em uma estatística, mas já ocupou bem mais. Mas aqui no canto do meu quarto tem uma camisa, para mostrar que ele sempre vai estar lá, não importa essa porcentagem. [...] O sofrimento é o mesmo, mas muda a forma como você lida, o tempo, a experiência que você adquire na vida.⁵⁴

Já paulistana T.*, de 33 anos, afirma não se identificar mais com “o que o Palmeiras representa”.⁵⁵ Segundo ela, quando criança, seu pai ajudou os filhos a escolherem um time. Na infância e adolescência, frequentou inúmeros jogos do time masculino palmeirense. Ela lembra:

Quando comecei a minha fase de me entender como uma pessoa trans, a fase de autoaceitação, pensei em como seria quando eu assumisse minha identidade de mulher trans. Fico e ainda tenho medo de frequentar estádio. Para mim antes era confortável, eu ia em qualquer setor... com 20 e poucos anos eu ia sozinha, matava aula do cursinho para ir ao Palestra Itália. Eu ia e não tinha medo.⁵⁶

⁵² Apesar de N.* citar o clube paulistano, sabe-se que esse tipo de prática homofóbica não é exclusividade do alvinegro.

⁵³ Informação verbal.

⁵⁴ Informação verbal.

⁵⁵ Informação verbal.

⁵⁶ Informação verbal.

Medo é uma palavra que T.* disse várias vezes durante a nossa conversa. Ela teme ser lida como uma pessoa LGBTQIAPN+ em um contexto em que seu corpo é considerado desviante e, portanto, constituinte de uma posição de vulnerabilidade e de potencial violência:

Eu, enquanto mulher trans, sou muito mais vulnerável, mas menos do que uma trans preta, por exemplo. Eu não consigo relacionar essas questões de gênero quando eu olho para uma instituição como o Palmeiras que não tem pelo seu time feminino o respeito que tem pelo masculino. Tem a ver com como o futebol trata as pessoas LGBT, em como trata a mulher. Você joga ‘torcedora’ no Google e só tem musas do Brasileirão. Por saber que não me sinto segura no estádio, sabe? Se eu for violentada, o que vão fazer comigo? ‘Eu lamento e se quiser vai para casa’, vão dizer, e vou ter que ir sozinha. Tudo isso me fez me envolver menos, mas torcer, eu continuo torcendo.⁵⁷

T.* nunca mais foi aos jogos da equipe masculina do Palmeiras desde que iniciou o processo de transição de gênero. Mas foi sozinha a uma partida do time feminino e afirma que se sentiu relativamente segura por conta da quantidade de mulheres na arquibancada:

Para não falar que nunca mais voltei ao estádio, eu fui um dia sozinha em um jogo do Palmeiras feminino. Mesmo sabendo que em jogos femininos tinha muita mulher e família, eu nunca vi tanta mulher proporcionalmente juntas em um estádio. Cheguei a contar: sentadas, havia 11 mulheres uma ao lado da outra. Havia mulheres jovens, mais novas, pretas, brancas, mães, havia diversidade e me senti segura, embora saiba que existe transfobia de todos os lados.⁵⁸

No entanto, ela relata ter visto o jogo praticamente em silêncio, com medo de ser notada pela gravidade da voz ao cantar as músicas entoadas pelas torcidas organizadas: “Existem questões para mim tipo a minha voz. Se eu estou quieta, estou numa boa. As pessoas fazem uma conexão lógica de voz feminina como aveludada”.⁵⁹ T.* afirma ter medo inclusive de frequentar a região do Allianz Parque, estádio do Palmeiras localizado na zona oeste de São Paulo, em dias de jogo do time alviverde que acompanhou durante toda a infância e adolescência:

⁵⁷ Informação verbal.

⁵⁸ Informação verbal.

⁵⁹ Informação verbal.

Se não fosse o fato de eu ser uma pessoa trans, eu estaria caminhando tranquilamente por ali, mas eu estava com medo de passar por uma torcida marcada por ser preconceituosa, sendo que eu nunca senti medo de passar no meio da torcida do Palmeiras. Eu não deveria ter medo de torcer, mas tenho medo de torcer pelo Palmeiras, eu tenho medo da torcida do Palmeiras. [...] Hoje, se eu tiver que ir a um jogo do masculino, não sei se teria essa coragem. Por que eu não posso ir a um estádio? Oportunidades não faltam, meus irmãos continuam indo, mas eles não percebem o quão amedrontador e violento é. Eu preciso ser cautelosa em relação aos lugares aonde posso ir.⁶⁰

O depoimento de T.* remete ao que Butler diz sobre como trabalham as “normas regulatórias do ‘sexo’”: de “forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual”.⁶¹ Isto porque, segundo a autora, “[...] há ‘sujeitos’ que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente - ou, melhor dizendo, nunca - são reconhecidas como vidas”.⁶²

IDENTIDADE E INCLUSÃO NO FUTEBOL DE HOMENS: POSSIBILIDADES

Neste ensaio, optei por abreviar os nomes e não escolher pseudônimos para minhas interlocutoras porque o nome social de pessoas transgêneras é, além de uma conquista social, uma escolha de identidade, e seria no mínimo injusto⁶³ alterá-los no decorrer do texto. É sabido que o Estado, historicamente baseado em discursos biologizantes, tem um papel regulador sobre os corpos dos indivíduos e seus respectivos modelos de conjugalidade e sexualidade, concedendo direitos e determinando quem pode acessá-los. No Brasil, a mudança de nome de pessoas transgêneras é um exemplo dessas práticas que foi facilitada nos últimos anos com a retirada da necessidade de ações judiciais:

O direito à autodeterminação delibera a todos os corpos (cis/trans) a possibilidade da autonomia sobre a escolha em retificar nome e gênero e, com isso, uma vez mais experienciam a adequação à norma como única

⁶⁰ Informação verbal.

⁶¹ BUTLER. *Inscrições corporais, subversões performativas*, p. 153.

⁶² BUTLER. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*, p. 17.

⁶³ Como mulher branca heterossexual cisgênera, é necessário reconhecer o lugar de onde eu escrevo.

forma de inserção cível e acesso às políticas públicas. Nos adequamos para sobreviver. Assim, aquelas que decidiram não emergir para uma vida “fora do armário” seguem em sua travestilidade, transexualidade ou transvestigeneridade, gozando de direitos ou confortos que deveriam operar sobre todas.⁶⁴

Quando conversei com a vascaína F.*, uma designer brasileira de 44 anos, ela estava coletando informações para dar entrada na troca de nome e gênero em seus documentos.⁶⁵ No entanto, em sua carteirinha de sócio-torcedora⁶⁶ do Vasco (falarei da sua relação com o clube mais adiante), já constava seu nome social: ela foi a primeira mulher trans a ter sua escolha respeitada em um grande clube de futebol no País, mesmo sem ter a documentação considerada oficial pronta. De acordo com ela:

*A (carteirinha) minha foi a primeira, mas avisaram que se mais gente que quisesse, era só pedir. Foi super tranquilo, foi respeitado. São essas pequenas coisinhas que nos dão uma certa dignidade, já que institucionalmente [em outras instituições] nunca há respaldo para nós, não temos nem o básico.*⁶⁷

É preciso dizer que, dentre os clubes brasileiros de futebol, o Vasco tem feito um esforço⁶⁸ considerável e pioneiro na inclusão de torcedores, torcedoras e torcedorxs LGBTQIAPN+, com uma série de ações que incluem um manifesto, camisas em defesa dos direitos dessas populações e encontros formativos sobre combate à LGB-Tfobia com as torcidas organizadas da instituição, entre outras iniciativas que não são observadas nos demais times. Assim, F.* tem usado sua carteirinha do Vasco como documento em diversos estabelecimentos, pois nela consta o nome pelo qual se reconhece e sua identidade de gênero:

É engraçado porque às vezes eu chego na portaria de prédio ou centro comercial e me pedem para dar meu nome. Eu dou a minha carteirinha do Vasco como se fosse meu documento porque nela tem meu CPF, não preciso

⁶⁴ YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES. Manifestações textuais (insubmissas) travesti, p. 3.

⁶⁵ À época da nossa entrevista, no final de 2022, F.* ainda não havia dado entrada no processo de mudança de nome. No início de 2023, porém, ela já usufrui desse direito.

⁶⁶ Programas de sócios-torcedores são comuns em grande parte dos clubes de futebol. A ideia é que os torcedores, torcedoras e torcedorxs se associem à instituição, pagando uma mensalidade que dá direito a descontos e prioridade na compra de ingressos para os jogos, entre outros serviços e benefícios. Importante ressaltar que nem toda torcedora é sócia como F*: as torcidas de futebol são heterogêneas e grande parte delas não pode arcar com os custos mensais desses planos.

⁶⁷ Informação verbal.

⁶⁸ Vasco faz posicionamento histórico contra a homofobia e a transfobia 27 jun. 2021. Site do Vasco da Gama: <https://vasco.com.br/posicionamentovasco/>.

ficar falando mais nada. Ainda estou com a papelada para fazer o nome social. Não sou retificada então meu documento principal ainda é antigo.⁶⁹

Somando as amizades que constituiu por conta do time pelo qual torce, tema do item subsequente deste texto, à postura institucional do clube, F.* afirma que se sente acolhida, mesmo frente a tantos preconceitos que permeiam o ambiente futebolístico. Para ela, o trabalho de conscientização realizado pelo Vasco, encampando a luta contra a LGBTfobia, mostra uma disposição simbólica, mas também concreta para tornar efetiva a participação e a inclusão de torcedores, torcedoras e torcedorxs. Por conta disso, enquanto uma pessoa transgêneras, ela afirma que não teria medo de ir ao estádio:

Enquanto mulher trans, eu me sinto muito mais tranquila de ir a um jogo do Vasco hoje do que se fosse há 4 ou 5 anos. São pequenos passos. Comecei minha transição em janeiro de 2020. Em março veio a pandemia. De lá para cá não teve mais nenhum jogo aqui em Brasília. Mas eu ia em jogos. E iria hoje, com algum colega ou amigo. Iria normalmente. [...] Tem um acolhimento. Eu digo que uma torcedora trans do Vasco é mais fácil do que ser uma torcedora trans de qualquer outro time. Eu acolhi o Vasco e o Vasco acabou me acolhendo. Talvez se eu fosse torcedora de outro time hoje eu estivesse muito mais distante por questões ligadas ao futebol. E no Vasco fica mais fácil.⁷⁰

AMIZADES, COLETIVOS E AFETOS TORCEDORES

Nos últimos cinco anos, é comum observamos no futebol brasileiro um movimento de coletivização de torcedores, torcedoras e torcedorxs de diversos times em torno de pautas identitárias, como o direito de torcer de mulheres e também das populações LGBTQIAPN+, como bem descrito na já citada pesquisa de Maurício Pinto (2017). Tais grupos têm forte atuação nas plataformas digitais e, por meio delas, tentam criar vínculos e constituir afetos com objetivos diversos, que podem ser resumidos em três principais: ir ao estádio em companhia e segurança; conversar sobre esportes e seus próprios times, incluindo as equipes formadas por atletas mulheres, e disseminar pautas relacionadas à equidade de gênero no âmbito esportivo.

⁶⁹ Informação verbal.

⁷⁰ Informação verbal.

A vascaína F.* faz parte de um coletivo desse tipo. Sua relação com o Vasco vem desde a infância, mas ao contrário das pessoas que escolhem o time do coração por influência dos homens da família, ela escolheu sozinha: “Não tive influência de nenhum pai, tio ou primo. Eu gostava muito do Romário e do Bebeto na Seleção Olímpica de 88 e, como o Romário é cria do Vasco e o Bebeto ano seguinte foi para lá, acabei escolhendo”.⁷¹ Durante sua vida, F.* colecionou camisas, pôsteres e recortes de jornal sobre o time.

Ela afirma que “começou sua transição”⁷² no início de 2020, pouco antes da pandemia de Covid-19⁷³ que, como se sabe, suspendeu campeonatos e afastou o público dos estádios por um período determinado. Foi nesse período que F.* recebeu um convite para entrar para um coletivo de torcedoras vascaínas⁷⁴ que se reúne virtualmente para comentar os jogos entre si, mas também produz conteúdo sobre o time, como lives no YouTube sobre as rodadas dos campeonatos de que o Vasco está participando. Elas se conheceram por meio de uma rede social, como F.* narra:

Eu seguia a J*.⁷⁵ A gente se seguia no Twitter e começou a conversar, mais especificamente por mensagem direta, e um dia ela me convidou para fazer parte de um programa. Imaginei que fosse um podcast, mas na primeira reunião, conversa vai, conversa vem e era no YouTube. E eu ainda não tinha saído do armário para a maioria das pessoas. No programa de estreia acabou que eu apareci, porque cada pessoa estava com um problema de internet e eu acabei fazendo.⁷⁶

O coletivo funciona como um espaço de proteção para F.*, onde ela se sente segura. Segundo ela, as amigas torcedoras que fez no grupo e por meio dele ajudaram-na a afirmar sua identidade de mulher trans, criando um ambiente de trocas e aprendizados sobre um tema que, a princípio, a afastaria:

⁷¹ Informação verbal.

⁷² Informação verbal.

⁷³ Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou a Covid-19 como pandemia. Entre as medidas recomendadas pelas autoridades de saúde para conter o avanço da doença estavam o uso de máscaras e álcool gel; isolamento social e quarentena; evitar aglomerações e, conseqüentemente, a suspensão de eventos (como jogos de futebol), entre outras. Pouco mais de três anos depois, em maio de 2023, a entidade declarou o fim da emergência de saúde global. Somente no Brasil, morreram mais de 700 mil pessoas por coronavírus durante esse período. No mundo todo, estima-se quase 7 milhões de óbitos.

⁷⁴ Omiti o nome do coletivo porque as entrevistas foram-me concedidas sob essa condição.

⁷⁵ Nome abreviado para proteger a identidade da torcedora citada.

⁷⁶ Informação verbal.

Eu e as meninas do coletivo nos falamos sempre, falamos muito quase todo dia. Muita gente começou a me conhecer depois do coletivo, depois da transição, meu perfil nas redes é novo. Comecei a aparecer. Até hoje só teve um programa em que rolou um ataque direto. Só que a gente na hora nem responde e já silencia, porque se a gente deleta, aí vêm outros e parece um enxame. [...] Sabemos que tem um receio se uma torcedora mulher discorda, se ela não quer ser coadjuvante ou não querer ser cota. É preciso se preservar por várias questões. Quando estamos em um ambiente seguro, a acolhida é diferente, você se sente mais fácil para comentar coisas que não comentaria em aberto e isso faz toda a diferença.⁷⁷

As relações que F.* criou e mantém com outras mulheres, por meio de sua paixão pelo Vasco, ultrapassaram as redes sociais e tornaram-se encontros e viagens no decorrer de 2022, momentos em que pode estar com as torcedoras que compõem o coletivo. Tais encontros rememoram à ideia da amizade como um papel reparador na vida de pessoas trans, como descreve Giancarlo Cornejo (2015), no sentido de “criar espaços afetivos que curam feridas infligidas por normas sociais”,⁷⁸ já que “amizades *queer* requerem o reconhecimento da vulnerabilidade mútua”⁷⁹ e constroem afetos para os quais “as normas heterossexuais não ofereciam roteiros ou, no mínimo, não ofereciam bons roteiros”.⁸⁰

Tais “tecidos afetivos”⁸¹ são potencialmente criativos e desestabilizam os códigos sociais binários e heteronormativos da sociedade, fomentando novas formas de vida: “O problema não é o de descobrir em si a verdade sobre seu sexo, mas, mais importante que isso, usar, daí em diante, de sua sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações”.⁸² No caso de F.*, mesmo dentro de um ambiente com alto grau de LGBTfobia e machismo quanto o futebol brasileiro, as relações de amizade construídas com outras vascaínas trouxeram afeto, carinho, amizade, fidelidade, coleguismo e companheirismo,⁸³ traçando “linhas de força imprevistas”.⁸⁴

⁷⁷ Informação verbal.

⁷⁸ CORNEJO. Por uma pedagogia *queer* da amizade, p. 137.

⁷⁹ CORNEJO. Por uma pedagogia *queer* da amizade, p. 140.

⁸⁰ CORNEJO. Por uma pedagogia *queer* da amizade, p. 137.

⁸¹ FOUCAULT. Da amizade como modo de vida [Entrevista], p. 39.

⁸² FOUCAULT. Da amizade como modo de vida [Entrevista], p. 36.

⁸³ FOUCAULT. Da amizade como modo de vida [Entrevista], p. 37.

⁸⁴ FOUCAULT. Da amizade como modo de vida [Entrevista], p. 37.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve ensaio, tentei trazer, por meio de trechos das entrevistas realizadas com três torcedoras, argumentos para pensarmos as formas de torcer de mulheres transgêneras no futebol de homens. Com base em argumentos teóricos, meu objetivo foi mostrar como esses corpos considerados abjetos na nossa sociedade – e ainda mais no esporte mais popular do País, dado o código de masculinidades obrigatórias que o ato de torcer demanda – são lidos nesse contexto.

Temas como identidade e amizade emergiram dos relatos de F.*, N.* e T.*, que narraram alguns medos e temores intrínsecos a uma experiência torcedora onde as categorias gênero e sexualidade entrelaçam-se marcadamente. Porém, creio que a análise interseccional precisa ser aprofundada para entender como questões de raça e classe também emergem nas vivências torcedoras dessas e de outras mulheres trans em um ambiente tão binário e cis-heteronormativo como o futebolístico.

Pode-se afirmar também que os coletivos de torcedores, torcedoras e torcedorxs LGBTQIAPN+, como os descritos pelo antropólogo Maurício Pinto (2017), são uma forma de mobilização política e, ao mesmo tempo, uma maneira criativa de fomentar amizades, algo que pode ser considerado como um modo de torcer e de, consequentemente, incluir no meio futebolístico mulheres transgêneras e outros corpos tidos como “anormais”, como o depoimento da torcedora F*. revela.

Por fim, vale destacar, ainda no discurso da vascaína F.*, seu relato sobre a carteirinha de sócio-torcedora, algo bastante emblemático de como a experiência do torcer pode ser acolhedora para pessoas trans, contrariando expectativas. Ainda que não seja um documento oficial que garanta o acesso a políticas públicas e o reconhecimento cidadão perante a demandas jurídicas e práticas da vida social, o fato de F.* autodeterminar-se por meio do seu papel como torcedora é algo a ser registrado, pois ela teve sua escolha respeitada por um clube de futebol antes mesmo desse processo se dar pelas vias do Estado. Sua entrevista é reveladora de como “toda história pode ser reescrita”,⁸⁵ como afirma Giancarlo Cornejo, mesmo dentro de estruturas que às vezes parecem não se mover, como as do futebol brasileiro.

⁸⁵ CORNEJO. Por uma pedagogia *queer* da amizade, p. 131.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. **O ‘preconceito de marca’ e a ambiguidade do ‘racismo à brasileira’ no futebol**. Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.
- ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFSC, Florianópolis, 2018.
- ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades”. **Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, 2012, p. 513-523.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. Antropologia e sexualidade: consensos e conflitos teóricos em perspectiva histórica. In: SOARES, Lígia; VAZ, Júlio. (Org.). **A sexologia, perspectiva multidisciplinar**. Coimbra: Quarteto, v. II, p. 53-72, 2003.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”**: uma história da torcida Coligay. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano), UFRGS, Porto Alegre, 2018.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Emoções masculinas nos estádios de futebol**. In: *Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidades, deslocamentos*, Congresso, UFSC, 2010.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio**. Tese (Doutorado em Educação), UFRGS, Porto Alegre, 2017.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; DANTAS, Marina de Mattos. Em busca de um torcer não-fascista. **Ludopédio**, São Paulo, v. 135, n. 32, 2020.
- BONFIM, Aira. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado em História), FGV/Rio de Janeiro, 2019.
- BUTLER, Judith. Inscrições corporais, subversões performativas; Da paródia à política”. In: _____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 183-201; p. 205-214.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer), UFMG, 2010.
- CARVALHO, Mario. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. **Cadernos Pagu**, 2018, n. 52.
- CORNEJO, Giancarlo. Por uma pedagogia *queer* da amizade. **Áskesis**, v. 4 n. 1, p. 130-142, 2015.

- COSTA, Leda Maria da. Marias-chuteiras X “Torcedoras Autênticas”: identidade feminina e futebol. **XII Encontro Regional de História**. ANPUH Rio de Janeiro, 2006.
- COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a autorrepresentação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 4, 2006-07.
- DUARTE, Luis Fernando Dias. A sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções. In: GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana e CAR-RARA, Sérgio. (Org.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 39-80.
- FOUCAULT, Michael. Da amizade como modo de vida [Entrevista]. **Gai Pied**, n. 25, p. 36-39, 1981.
- FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- GÓIS, João B. H. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Estudos Feministas**, v. 11, n. 1, 2003.
- HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 201-246, 2004.
- MORAES, Carolina Farias. **As torcedoras querem (poder) torcer**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade), UFBA, Salvador, 2018.
- PISANI, Mariane da Silva. **‘Sou feita de chuva, sol e barro’**: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social), FFLCH, USP, São Paulo, 2018.
- PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer**: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. Dissertação (Mestrado em Ciências), USP, São Paulo, 2017.
- MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- MURAD, Mauricio. **Para entender a violência no futebol**. S. Paulo: Saraiva, 2012.
- PIMENTA, Carlos A. M. **Torcidas organizadas de futebol**: violência e autoafirmação, aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.
- PRECIADO, Paul. Multidões *queer*: notas para uma política dos ‘anormais’. **Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, 2011.
- RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the “political economy” of sex. In: REITER, Rayna. (Ed.). **Toward an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press, 1975.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.
- SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. Tese (Doutorado em Antropologia Social), USP, S. Paulo, 2015.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 40, 2013, p. 149-184.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: metafísica do homem comum. **Revista de História**, USP, v. 1, 2010, p. 175-190.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TONINI, Marcel Diego. **Além dos gramados**: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010). Dissertação (Mestrado em História Social). FFLCH, USP, 2011.

VANCE, Carole. A antropologia redescobre a sexualidade: comentário crítico. **Physis**, revista de Saúde Coletiva, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1995.

YORK, Sara Wagner/GONÇALVES JUNIOR, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n.3e75614, 2020.

Entrevistas

F.*. Entrevista I. [dez. 2022]. Entrevistadora: Mariana Carolina Mandelli. Santo André, 2022. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

T.* Entrevista II. [out. 2022]. Entrevistadora: Mariana Carolina Mandelli. Santo André, 2022. 1 arquivo .mp3 (50 min.).

N.* Entrevista III. [maio. 2022]. Entrevistadora: Mariana Carolina Mandelli. Santo André, 2022. 1 arquivo .mp3 (45 min.).

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 30 jun. 2023.